

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.002](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.002)

A ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE E A PREVENÇÃO DE DOENÇAS INFECCIOSAS

SHARLENE PEREIRA ALVES

Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, sharlene.pereira02@aluno.ifce.edu.br;

PATRÍCIA RIBEIRO FEITOSA LIMA

Pós doutorado em Educação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, patricia-feitoso@ifce.edu.br;

FRANCISCO JOSÉ ALVES DE AQUINO

Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, fcoalves_aq@ifce.edu.br.

RESUMO

No princípio, o cuidado era associado ao espírito de doação, exigido às enfermeiras, cujas imagens vinculavam-se à religião. A Enfermagem profissional foi construída com bases científicas inicialmente propostas por Florence Nightingale, que atuou no fornecimento de ambiente adequado à recuperação de feridos. O Brasil teve Anna Nery como precursora da profissão. Anna Nery teve uma influência direta na criação da primeira escola de enfermagem dirigida por enfermeiras. A Saúde Coletiva se destaca como área importante na evolução da Enfermagem. Nesse âmbito, o enfermeiro tem a função essencial de prestar assistência, imprimindo sua capacidade de mudar a realidade da população. Na promoção da saúde, a higienização das mãos é uma estratégia reconhecida para prevenção de infecções. Perante a importância do trabalho e das práticas de cuidado, de educação em saúde da Enfermagem, esta pesquisa objetivou analisar a Enfermagem e sua atuação em Saúde Coletiva na esfera da prevenção de doenças infecciosas. O estudo bibliográfico utilizou método histórico, cujos dados foram coletados em abril de 2023, mediante consultas a bases eletrônicas de dados e obras literárias físicas e digitais. Nos serviços de saúde, a consulta de enfermagem contribui na efetivação dos princípios do SUS. Conceitos de Ambiente, Saúde-Doença, Enfermagem e Sociedade, discutidos por Florence, mostraram-se fundamentais para

tratar a organização dos serviços de saúde, do controle do ambiente e das formas de cuidado, com destaque para a higienização das mãos. A transmissão cruzada de microrganismos foi constatada por Semmelweis. No século XX, os Estados Unidos implantaram programas específicos de controle e prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde. No Brasil, tal protocolo foi adotado pelo órgão ministerial de saúde. Evidenciou-se que ações cotidianas, como a higienização das mãos, necessitam ser discutidas no ensino e nos serviços de saúde, corroborando para o papel integral da ciência.

Palavras-chave: Enfermagem, Doenças Infecciosas, Educação em Saúde, Promoção da Saúde.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de dimensões continentais, constituído por 27 unidades federativas em suas cinco regiões, que abarcam um total de 5.570 municípios. O levantamento do COFEN (2017) contabiliza 1.804.535 profissionais de enfermagem registrados no país, sendo, destes, 414.712 enfermeiros e 1.389.823 técnicos e/ou auxiliares de enfermagem.

Diante de uma população volumosa, crescem as demandas da saúde pública, cuja assistência é oferecida pelo Sistema Único de Saúde em seus diferentes segmentos, destacando-se a saúde coletiva (BRASIL, 1990). Em termos de atuação profissional, a saúde coletiva se destaca como área importante para evolução da enfermagem e do trabalho em equipe, com devido respeito ao espaço e núcleo de competência e responsabilidade (GUIMARÃES; BRANCO, 2020).

O enfermeiro tem a função essencial de prestar assistência às pessoas, às famílias e às comunidades, desenvolvendo atividades para a promoção e prevenção na saúde, sua manutenção e recuperação. Além da prática assistencial, a enfermagem se depara com o gerenciamento das atividades na atenção primária em saúde, que está presente na gestão dos projetos terapêuticos, assim como no monitoramento da situação de saúde da população, da equipe de enfermagem e dos serviços de saúde (FERREIRA; PÉRICO; DIAS, 2018).

Para a enfermagem, os serviços de saúde e suas estruturas exercem bastante influência em suas atividades, levando-os a recorrer a alternativas, por vezes, não convencionais para as mais variadas situações pertinentes na saúde coletiva (MATUMOTO; MISHIMA; PINTO, 2001). É por meio dessas linhas de escape que o profissional imprime sua capacidade de mudar a realidade da população adscrita, utilizando os recursos do serviço na aplicação de sua visão biológica e social do corpo, demonstrando, assim, capacidade de validar o processo saúde doença (NAUDERER; LIMA, 2008).

O Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba (2015), visando oferecer instrumentos informativos aos profissionais para atuação na atenção primária em saúde, em observância às diretrizes do SUS e às exigências legais da profissão, elaborou o 'Protocolo do Enfermeiro na Estratégia Saúde da Família do Estado da Paraíba' no sentido de instrumentalizar os profissionais, norteando suas condutas profissionais, subsidiando a prática assistencial, além de padronizar o processo

de trabalho, buscando fortalecer a atuação da enfermagem na rede de atenção à saúde coletiva (COREN, 2015).

Como base legal para o protocolo acima mencionado, destaca-se o Código de Ética dos Profissionais, que estabelece que o profissional de enfermagem, ao atuar na promoção, na prevenção, na recuperação e na reabilitação da saúde das pessoas, deve exercer a profissão com autonomia e resolutividade (COFEN, 2007).

Entretanto, as práticas na atenção primária em saúde ainda estão limitadas a protocolos dos órgãos locais, os quais necessitam de aprovação prévia antes de sua implantação para a devida utilização pelos profissionais (LIMA, 2019). A validação desses protocolos leva em consideração vários indicadores, como os epidemiológicos, importantes para prevenir doenças e agravos com fortalecimento da promoção da saúde desta população, e os assistenciais, os quais têm por objetivo medir, quantificar e avaliar a qualidade dos serviços ofertados à população (LAURINDO et al., 2021).

De acordo com Paim (2018), estatisticamente, nota-se um aumento na cobertura dos serviços de saúde, de forma universal e em todos os níveis de complexidade, contudo, persistem desafios até os dias atuais. Especial destaque se dá para planejamento de ações assistenciais e de vigilância em saúde, que contribuem na transição epidemiológica e, mais ainda, da saúde, modificando os padrões de morbidade e mortalidade no Brasil (MALTA et al., 2017).

A melhora desses indicadores acarreta em uma diminuição do custo curativo posterior, aumentando então a resolutividade do atendimento e da satisfação pessoal e familiar. Tais transformações evidenciam fortemente as conquistas e a importância desempenhada pelo SUS na promoção da saúde da população brasileira (MARTINS et al., 2021; BALESTRIN; SZYMANSKI; BUSS, 2021).

No rol de ações de promoção da saúde, a higienização das mãos é amplamente reconhecida como uma das estratégias para a prevenção de infecções (PRICE et al., 2018; HOLZSCHUH; MINELLO; NASCIMENTO, 2021). Estas ocorrem por diversas razões e existem muitos mecanismos que favorecem seu aparecimento. Acredita-se que um terço destas infecções possam ser prevenidas com medidas de controle à infecção, como a higiene das mãos, conhecida mundialmente como a maneira mais eficiente e econômica para a prevenção de infecções (BRITO, 2015).

Reconhecendo a importância do trabalho e das práticas de cuidado de enfermagem na promoção da saúde, este estudo teve como objetivo analisar o perfil

histórico da ciência sob o viés da enfermagem e da sua atuação em saúde coletiva no âmbito da prevenção de doenças.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo revisão bibliográfica, onde foi utilizado o método histórico, o qual, de acordo com Marconi e Lakatos (2022) consiste na investigação de acontecimentos ou de instituições do passado para compreender suas bases, funções e natureza.

Os dados foram coletados em abril de 2023, mediante consultas a bases eletrônicas de dados LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde - e SCIELO - Scientific Electronic Library Online -, além de obras literárias físicas e digitais. Para a pesquisa em bases eletrônicas, foram aplicados os descritores enfermagem, educação em saúde, doenças infecciosas, prevenção de doenças.

Inicialmente, foi realizada uma busca de pesquisas sobre a enfermagem em seus aspectos históricos, além de relacionar com a prevenção de doenças infecciosas, assunto que também foi abordado em sua historicidade, através da literatura sobre o tema.

É importante ressaltar que foram empregados como critérios de inclusão os estudos que abordavam cuidados de enfermagem voltados para doenças infecciosas, textos nacionais e internacionais, de bases de dados físicas e digitais.

Assim, foram selecionadas as obras, as quais foram organizadas em fichas onde constava uma síntese que permitia captar as concepções sobre a enfermagem e seus cuidados perante as doenças infecciosas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 ENFERMAGEM: A ORIGEM DO CUIDAR

Estudos revelam que os povos primitivos, desde os tempos antes de Cristo, acreditavam na doença como um castigo de Deus, buscando tratamento, para aplacar as divindades, com sacerdotes e feiticeiros, que exerciam funções de médico, farmacêutico e enfermeiro. Os assistentes, por sua vez, acumulavam as funções de farmacêutico e enfermeiro, ao preparar e administrar remédios baseados em conhecimentos práticos em plantas medicinais (SILVA; APOLINÁRIO; OGUISSO, 2017).

Campos (1965) relata que o tratamento temporário de doentes ocorria em lugares reservados, chamados de hospitais, que eram organizações institucionalizadas já por volta do século IV a.C., conforme mostram descobertas de ruínas na região de Danúbio, Europa Ocidental. Há relatos historiográficos de criação de outros hospitais, como, por exemplo, em Paris, para acolhimento escolares e peregrinos.

A senhora Luisa de Marillac e o padre Vicente de Paulo conduziram o grupo da alta nobreza de Paris aos leitos dos doentes do Hôtel - Dieu. Este hospital encontrava-se sob administração dos cônegos da Catedral, com direção do serviço interno a cargo das irmãs agostinianas. Apesar de contar com a atuação de cerca de 150 religiosas, dentre elas 50 noviças, esta casa de cuidados consistia em um lugar insalubre, onde não havia limpeza de leitos, disciplina minuciosa, além de ter alimentação insuficiente. A situação era agravada pelo número bastante elevado de doentes nesses locais. Além disso, as camas eram quase encostadas umas às outras, com uso coletivo pelos vários doentes, chegando a comportar, cada uma, seis pacientes simultaneamente (PADILHA; MANCIA, 2005).

Nesses locais, o cuidado aos doentes era fortemente associado ao espírito de doação e a abnegação, exigido àquelas que prestavam a assistência, que seriam as “enfermeiras” (CASTRO, 1936). Permeada pela caridade e cuidado aos doentes, pobres, idosos e órfãos, desenvolvia-se a imagem religiosa da enfermeira na Era Cristã e Idade Média. Ao passo que a enfermagem desenvolvia uma imagem associada à religião, uma disciplina cada vez mais rígida era aplicada, sendo imposta, paralelamente, a obediência absoluta às ordens dos médicos e dos sacerdotes (WIGGERS; DONOSO, 2020).

O Renascimento, por sua vez, desafiou a supremacia da Igreja Católica, quando foram invalidadas diversas ordens religiosas, extinguindo o trabalho das mulheres, o que dava início ao período obscuro da Enfermagem (PADILHA; MANCIA, 2005). Tal época foi marcante devido a substituição das religiosas por mulheres com “baixa qualificação moral” para os valores da época, as quais cuidavam dos enfermos em troca de baixa remuneração. Elas passaram a ocupar os hospitais, que, além de serem um insalubre depósito de doentes, eram marcados pela exploração do trabalho de cunho doméstico em extensas jornadas de trabalho (GEOVANINI et al., 1995).

Dias e Dias (2019) relatam que, sob as bases do cuidado de enfermagem leigo e fundamentado nos conceitos religiosos de caridade, amor ao próximo, doação, humildade e valorização do ambiente adequado para o cuidado, a enfermagem

profissional foi construída a partir de bases científicas propostas por Florence Nightingale (PADILHA; MANCIA, 2005).

Florence provocou uma revolução na enfermagem da época, contribuindo para o que hoje se denomina Enfermagem Moderna. A profissional entrou em evidência a partir da sua participação como voluntária na Guerra da Criméia, em 1854, sendo pioneira no tratamento de feridos, quando recebeu o apelido de “A dama da lâmpada” por usar esse instrumento no auxílio aos doentes (PADILHA; MANCIA, 2005).

A construção da enfermagem, com o passar do tempo, baseou-se em muitas grafias deixadas por Florence, ensinamentos práticos e teóricos, o que de alguma forma vem refletindo nas escolas de enfermagem em todo o Brasil e no mundo (GNATTA et al., 2016). Dentre suas importantes contribuições, Wiggers e Donoso (2020) destacam que Florence acreditava no fornecimento de um ambiente adequado como o diferencial na recuperação dos doentes. Nascia dessa tese a Teoria Ambientalista, desenvolvida na segunda metade do século XIX, na Inglaterra.

Como fortalecedor da organização profissional e política na profissão, surge Ethel Bedford Fenwick, responsável pela regulamentação da Enfermagem na Inglaterra, pela criação de organizações de Enfermagem em vários países, além de contribuir para a formação em Enfermagem (SANTOS et al., 2011).

Em paralelo com o cenário europeu da enfermagem despertada por Florence, no Brasil, Peres et al., destacam que a profissão teve como precursora a enfermeira Anna Nery, que também serviu nos campos de batalha, atuando na Guerra do Paraguai, em 1865, onde desenvolveu atividades de cuidado aos feridos e organização de enfermagem para assistência nos chamados hospitais de guerra.

Anna Nery venceu dificuldades e preconceitos da época, sobretudo em relação ao sexo feminino, elevando sua contribuição por estar junto aos seus e pela sua paixão humanitária, expressada na carta em que solicitou permissão para ir à guerra como enfermeira, quando expressava o desejo de aliviar o sofrimento daqueles que iam lutar pela pátria (PERES et al., 2021).

A profissão de enfermagem brasileira, implantada no século XX, fortalecida pela identidade do cuidado oriunda de Anna Nery, atravessou mudanças em decorrência da reforma sanitária, a qual gerou a criação da primeira escola de enfermagem organizada e dirigida por enfermeiras, corroborando com a predominância feminina histórica na profissão (SOUSA et al., 2022).

Na educação, o sistema Nightingale representa uma inestimável contribuição à Enfermagem. Apesar de existir uma controvérsia latente no âmbito da historiografia brasileira quando se trata da profissionalização da enfermagem, considera-se que, tradicionalmente, a sua institucionalização se origina a partir de um acordo de cooperação técnica entre o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), agência federal recém-criada com a missão de organizar a saúde pública em âmbito nacional, e a Fundação Rockefeller, resultando na criação, em 1923, da Escola de Enfermeiras do DNSP.

Tal acordo foi firmado com a justificativa de que se tratava de uma inovação institucional que se distinguia radicalmente de todas as experiências anteriores de formação de enfermeiras na medida em que adotava integralmente o padrão Nightingale. Atualmente, a instituição existe com o nome de Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (PERES, 2013).

Desde então, notou-se um crescimento exponencial das escolas de enfermagem, sobretudo no período compreendido entre 2002 e 2012, tendo como justificativa principal a necessidade de readaptação ao mercado de trabalho (FROTA et al., 2020).

Vale destacar na década de 1970, o discurso da Enfermagem Brasileira já tinha pautas avançadas como a organização da pós-graduação *stricto sensu*, mudanças curriculares, criação dos Conselhos Regionais e Federais e do código de deontologia da enfermagem (PERES et al., 2021).

Em se tratando de serviços de saúde, segundo Crivelaro et al. (2020), a consulta de Enfermagem vem a contribuir para efetivação dos princípios do SUS e é exercida, não oficialmente, desde a década de 20. O seu exercício foi regulamentado em 1986 e caracteriza-se como prática privativa do enfermeiro (MORAES et al., 2021). Scochi, Mishima e Peduzzi (2015) consideram que o processo de trabalho na enfermagem tem seu pioneirismo nos estudos de Cecília Puntel de Almeida.

Sua obra 'O saber de enfermagem e sua dimensão prática' constitui um marco para a enfermagem brasileira. Nela, a autora analisou, sob o referencial marxista do trabalho, a enfermagem como prática social e parte do processo de divisão do trabalho em saúde, articulada com as demais práticas ao modo de organização da sociedade capitalista (FORTUNA et al., 2019).

Além disso, Sousa et al. (2022) considera importante para a evolução da enfermagem a ampliação de postos de trabalho, com a implantação do Programa Saúde da Família, em 1994, crescendo quantitativamente nas duas últimas décadas,

com uma expressiva contribuição para a redução da morbimortalidade, por meio de atividades de promoção e a proteção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos e manutenção da saúde.

2.2 ENFERMAGEM PREVENTIVA À LUZ DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS

Por meio da teoria ambientalista, Florence Nightingale direcionava o foco principal para o ambiente, caracterizado como todas as condições e influências externas que afetam a vida e o desenvolvimento de um organismo, capazes de prevenir, eliminar ou colaborar para o processo de doença e morte (MOTTA; OLIVEIRA; AZEVEDO, 2021).

Em seu estudo, Tavares et al. (2020) demonstra que conceitos de Ambiente, Saúde-Doença, Enfermagem e Sociedade, discutidos por Florence, mostraram-se fundamentais para tratar a organização dos serviços de saúde, do controle do ambiente e das formas de cuidado. Nesse sentido, identificou-se a potencialidade de medidas simples, dentre outros preceitos que auxiliaram na redução das taxas de mortalidades da época e que servem de parâmetro na atualidade, sendo a sua relevância considerada um marco na história da enfermagem, sobretudo na prevenção de doenças (MEDEIROS; ENDERS; BRANDÃO, 2015).

Não há registros relacionados a Florence sobre uma distinção entre os ambientes físico, social e psicológico, porém, ela enfatiza que esses três componentes precisam estar alinhados de forma inter-relacionada e que o elemento-chave da teoria é a condição do paciente e a natureza (CARDOSO et al., 2021). Ferreira, Périco e Dias (2018) destacam a consagração da enfermagem como uma prática profissional relevante, historicamente determinada, tendo seu lugar evidente no processo coletivo de trabalho com a finalidade de produzir ações de saúde através de um saber específico, articulado com demais membros da equipe no contexto político social do setor saúde.

A enfermagem realiza suas atividades, como a consulta e a educação em saúde, com base em evidências científicas que colaboram na prevenção de doenças, trazendo assistência de qualidade (SAMPAIO et al., 2017). Dentre as medidas adotadas na prevenção em saúde, destaca-se a higienização das mãos, assunto discutido mundialmente pelos órgãos de saúde em conjunto com infecção hospitalar desde os anos 80 (SANTOS et al., 2020).

Segundo Viana, Machado e Souza (2017), a técnica antisséptica foi descoberta seguindo os estudos de Pasteur, demonstrando que os microrganismos podem estar presentes na matéria não viva. Recortes históricos narram também que a transmissão cruzada de microrganismos pelas mãos foi constatada primordialmente por volta de 1847, pelo cientista húngaro Ignaz Philip Semmelweis, considerado o pai do controle das infecções.

Boechat e Gomes (2020) apresentam a história que se passa em hospitais e clínicas de Viena, também denominados de “Casas de Morte”, em decorrência das altas taxas de mortalidade, sobretudo devido à febre puerperal, pois eram ambientes pequenos, lotados de pacientes amontoados e desprovidos de higiene, água potável e ventilação. Semmelweis teve sua atenção despertada pelo número frequente de mortalidade entre mulheres e crianças recém-nascidas, diferentemente do que ocorria na assistência por parteiras.

Por meio de tarefa investigativa, percebeu que os instrumentos eram compartilhados entre necrópsias e partos realizados pelos médicos, as mãos não eram lavadas e os locais eram muito sujos. Por não se ter conhecimento ainda sobre microrganismos, Semmelweis atribuiu a responsabilidade das mortes a partículas cadavéricas e passou a orientar a lavagem das mãos em solução de hipoclorito de cálcio e com água e sabão, mediante o término do procedimento de necrópsia e antes e depois de procedimentos com as pacientes que estavam internadas na ala da obstetrícia (BOECHAT; GOMES, 2020).

Contudo, as ideias de Semmelweis foram por muito tempo subjugadas e consideradas uma ofensa ao trabalho médico. Contrariado, o profissional deu seguimento aos seus próprios estudos acerca da lavagem das mãos e o impacto sobre a redução da mortalidade materna direta. Como resultado dessa prática, no mês seguinte a taxa de mortalidade caiu de 12,2 para 1,2%, comprovando a tese do médico sobre o benefício da lavagem das mãos (RODRIGUES et al., 1997).

Em 1860, Joseph Lister, por sua vez, aplicou a teoria do germe da doença para alegar que os microrganismos possuíam ligação específica com seus hospedeiros. Pelo seu conhecimento acerca das técnicas utilizadas por Semmelweis e dos trabalhos de Pasteur, associou micróbios às doenças animais, além de ter ciência do poder bactericida do fenol. Então, Lister começou a tratar ferimentos cirúrgicos como essa solução, reduzindo a incidência de infecção e mortes naquela época (VIANA; MACHADO; SOUZA, 2017).

Contudo, de acordo com Oliveira e Paula (2013) foi somente em meados do século XX, nos Estados Unidos, que se deu a implantação de programas específicos de controle e prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS), quando, pela primeira vez, assim como o profissional, o hospital também foi responsabilizado pela ocorrência de IRAS.

Mas foi depois de avaliação, realizada pelo Centro de Controle de Doenças (CDC), do impacto das IRAS, por meio do projeto SENIC (Study on the Efficacy of Nosocomial Infection Control), nos Estados Unidos, que se disseminou mundialmente a necessidade de programas nos hospitais para controle das infecções. Entre 1975 e 1996, foram publicados guias abordando a higienização das mãos nos centros hospitalares para a prevenção e controle de enfermidades (BRASIL, 2019).

Em 2002, em artigo publicado pelos CDC sobre antissepsia das mãos nas atividades procedimentais hospitalares, foi alterada a nomenclatura “lavagem de mãos” para “higiene de mãos” por motivo de ampla abrangência na assistência de saúde. Em conformidade com o artigo em tela, o uso de preparações alcoólicas para fricção das mãos resulta no preferido método de antissepsia de mãos pelo profissional de saúde (FERNANDES; FERNANDES; FILHO, 2015).

No Brasil, o protocolo foi adotado pelo órgão ministerial de saúde, que publicou seu primeiro manual sobre higiene das mãos, em 1989 (BRASIL, 2019). A importância dessa prática nos serviços de saúde culminou com a criação da Lei 9431/97 (BRASIL, 1997), que obriga a existência do programa, e a institucionalização da Portaria MS 2616/98 (BRASIL, 1998), que determina o modo de organização e implementação do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente vive-se uma temporalidade fechada no momento presente, onde há uma relação presente-passado-futuro rompida, marcada pelo tempo acelerado, de modo que passado e futuro não integram as vivências pessoais. Além disso, as informações são recebidas em grande volume com facilidade, o que dificulta a utilização do senso crítico pela população, perdendo uma relevante condição para desenvolvimento da identidade.

A familiarização com a história da enfermagem, aliada ao entendimento evolução da prevenção de doenças à luz de práticas como higienização das mãos, auxilia na formação profissional. Compreender a construção do saber pelos nossos

antecessores, assim como seus desafios enfrentados no percurso da evolução profissional, fomenta o respeito pelo passado, confiando no presente e desafiando o futuro.

No ambiente de saúde, ações cotidianas, como a higienização das mãos no sentido de prevenir infecções, muitas vezes passam sem ser discutidas e problematizadas no ensino e nos serviços de saúde, e, com isso, a ciência acaba não cumprindo seu papel integral, nele incluído auxiliar o sujeito a compreender a ciência a partir de suas vivências.

Sendo assim, esse trabalho procurou abordar a contribuição histórica para o que a enfermagem se tornou nos dias atuais, uma profissão que ainda atravessa obstáculos, apesar de ter em seu repertório várias conquistas. Com esse estudo, abordando grandes personalidades e suas contribuições para a ciência, aliado à valorização da pesquisa e do exercício ético da enfermagem, torna-se possível construir nossa própria história.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, A.; SZYMANSKI, J.; BUSS, E. A notoriedade que as equipes interdisciplinares proporcionam imersas na atenção primária à saúde. *In*: 2ª Semana Acadêmica Integrada dos Cursos de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2021, Erechim. **Anais**: Livraria e Editora da Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior, 2021. P. 15-17.

BOECHAT, J.; GOMES, H. Ignaz Semmelweis: as lições que a história da lavagem das mãos ensina. **Fiocruz**, 2020. Disponível em: <<http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1771-ignaz-semmelweis--as-licoos-que-a-historia>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de Setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 19 abr. 2023.

_____. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Segurança do paciente em serviços de saúde: higienização das mãos.** Brasília: Anvisa, 2009. 105 p. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seguranca_paciente_servicos_saude_higienizacao_maos.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

_____. Ministério da Saúde. **Lei nº 9.431, de 6 de Janeiro de 1997.** Dispõe sobre a obrigatoriedade da manutenção de programa de controle de infecções hospitalares pelos hospitais do país. Brasília: Diário Oficial da União, 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9431.htm>. Acesso em: 18 abr. 2023.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.616, de 12 de Maio de 1998.** Dispõe sobre diretrizes e normas para a prevenção e o controle das infecções hospitalares. Brasília: Diário Oficial da União, 1998. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt2616_12_05_1998.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BRITO, L. S. C. **Evidências à intervenção de enfermagem controle de infecção da classificação das intervenções de enfermagem: orientação e ensino sobre a lavagem das mãos.** 2015. 73 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/132011>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CAMPOS, E. S. Breve notícia histórica sobre os hospitais em geral. *In:* Campos, Ernesto de Souza. **História e evolução dos hospitais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Saúde/Divisão de Organização Hospitalar/Ministério da Saúde, 1965. P. 7-46. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd04_08.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CASTRO, J. de. **Vida de Luiza de Marillac: fundadora das irmãs de caridade.** Petrópolis: Vozes, 1936. 435 p.

CARDOSO, S. B.; OLIVEIRA, I. C. S.; SOUZA, T. V. de; CARMO, S. A. do. Unidade de terapia intensiva pediátrica: reflexão à luz da teoria ambientalista de Florence Nightingale. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, V. 74, N. 5, P. 1-5, jul. 2021.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1267>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

COFEN - Conselho Federal de Enfermagem. **Código de ética dos profissionais de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Enfermagem, 2007. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/resolucao_311_anexo.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

_____. **Relatório final da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil**. V. 1. Rio de Janeiro: Fiocruz - Conselho Federal de Enfermagem, 2017. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/index.html>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

COREN - Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba. **Protocolo do enfermeiro na Estratégia de Saúde da Família do estado da Paraíba**. 2. ed. João Pessoa: COREN-PB; 2015. Disponível em: <<http://www.coren.pb.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/Coren-Pb-Protocolo-do-Enfermeiro-pb-20102015.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FERNANDES, A. T.; FERNANDES, M. O. V.; FILHO, N. R. As bases do Hospital Contemporâneo: a Enfermagem, os Caçadores de Micróbios e o Controle de Infecção. *In*: FERNANDES, A. T.; FERNANDES, M. O. V.; RIBEIRO-FILHO, N.; GRAZIANO, K. U.; CAVALCANTE, N. J. F.; LACERDA, R. A. **Infecção Hospitalar e suas Interfaces na Área da Saúde**. São Paulo: Atheneu, 2015. P. 56-74.

FERREIRA, S. R. S.; PÉRICO, L. A. D.; DIAS, V. R. F. G. A complexidade do trabalho do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, V. 71, Supl. 1, P. 704-709, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0471>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

FORTUNA, C. M.; MATUMOTO, S.; MISHIMA, S. M.; RODRÍGUEZ, A. M. M. M. Enfermagem em Saúde Coletiva: desejos e práticas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, V. 72, N. 1, P. 351-355, Fev. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0632>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

FROTA, M. A.; WERMELINGER, M. C. M. W.; VIEIRA, L. J. E. S.; NETO, F. R. G. X.; QUEIROZ, R. S. M.; AMORIM, R. F. de. Mapeando a formação do enfermeiro no Brasil: desafios para atuação em cenários complexos e globalizados. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, V. 25, N. 1, P. 25-35, Jan. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.27672019>>. Acesso em 19 abr. 2022.

GEOVANINI, T.; MOREIRA, A.; SCHOELLER, S. D.; MACHADO, W. C. A. **História da enfermagem: versões e interpretações**. Rio de Janeiro: Revinter; 1995. 470 p.

GNATTA, J. R.; KUREBAYASHI, L. F. S.; TURRINI, R. N. T.; SILVA, M. J. P. da. Aromaterapia e enfermagem: concepção histórico-teórica. **Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**, São Paulo, V. 50, N. 1, P. 130-136, Fev. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000100017>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GUIMARÃES, B. E. de B.; BRANCO, A. B. de A. C. Trabalho em equipe na atenção básica saúde: pesquisa bibliográfica. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, V. 12, N. 1, P. 143-155, Jan.-Abr. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v12i1.669>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

HOLZSCHUH, F.; MINELLO, A.; NASCIMENTO, A. Higienização das mãos como medida de prevenção de infecções relacionada assistência à saúde (IRAS). *In*: 2ª Semana Acadêmica Integrada dos Cursos de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2021, Erechim. **Anais**: Livraria e Editora da Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior, 2021. P. 142-143.

LAURINDO, A. de M.; SILVA, A. V. da; SILVA, L. F. da; BRITO, M. dos S.; DIAS, T. B.; NASCIMENTO-JUNIOR, A. S. do; CALDAS, S. H. D.; LIMA, T. C. de. O planejamento na elaboração de um programa de saúde intersetorial no Estado de Pernambuco. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, V. 4, N. 6, P. 29591-29606, Nov.-Dec. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.34119/bjhrv4n6-483>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

LIMA, M. V. P. **Estratégias da gestão local para prescrição de medicamentos por enfermeiros da atenção primária à saúde**. 2019. Campina Grande: Universidade

Estadual da Paraíba; 2019. 95f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. Disponível em: <<https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4059>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

MALTA, D. C.; FELISBINO-MENDES, M. S.; MACHADO, Í. E.; PASSOS, V. M. de A.; ABREU, D. M. X. de; ISHITANI, L. H.; VELÁSQUEZ-MELÉNDEZ, G.; CARNEIRO,

M.; MOONEY, M.; NAGHAVI, M. Fatores de risco relacionados à carga global de doença do Brasil e Unidades Federadas, 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Belo Horizonte, V. 20, N. 1, P. 217-232, Mai. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-5497201700050018>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022. 354 p.

MARTINS, T. C. de F.; SILVA, J. H. C. M. da; MÁXIMO, G. da C.; GUIMARÃES, R. M. Transição da morbimortalidade no Brasil: um desafio aos 30 anos de SUS. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, V. 26, N. 10, P. 4483-4496, Out. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10852021>>. Acesso em 18 abr. 2023.

MATUMOTO, S.; MISHIMA, S. M.; PINTO, I. C. Saúde coletiva: um desafio para a enfermagem. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, V. 17, N. 1, P. 233-241, Fev. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2001000100025>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MEDEIROS, A. B. de A.; ENDERS, B. C.; LIRA, A. L. B. de C. Teoria ambientalista de Florence Nightingale: uma análise crítica. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Natal, V. 19, N. 3, P. 518-524, Jul.-Set. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150069>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MORAES, L. de; ZIN, C. F. F.; MIOLO, D. P.; BUSS, E. Consulta de enfermagem: espaço de cuidado na atenção básica. *In*: 2ª Semana Acadêmica Integrada dos Cursos de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões,

2021, Erechim. **Anais**: Livraria e Editora da Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior, 2021. P. 39-41.

MOTTA, R. de O. L. da; OLIVEIRA, M. L. de; AZEVEDO, S. L. de. Contribuição da teoria ambientalista de Florence Nightingale no controle das infecções hospitalares. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 112, jul.-set. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.51161/rem/1524>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

NAUDERER, T. M.; LIMA, M. A. D. da S. Práticas de enfermeiros em unidades básicas de saúde em município do sul do Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Porto Alegre, V. 16, N 5, P. 889-894, Set-Out. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000500015>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

OLIVEIRA, A. C.; PAULA, A. O. de. Infecções relacionadas ao cuidar em saúde no contexto da segurança do paciente: passado, presente e futuro. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, V. 17, N. 1, P. 216-220, Jan.-Mar. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-031>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

PAIM, J. S. Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Salvador, V. 23, N. 6, P. 1723-1728, Jun. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.09172018>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

PADILHA, M. I. C. de S.; MANCIA, J. R. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. **Revista Brasileira de Enfermagem**, V. 58, N. 6, P. 732-736, Nov.-Dez. 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71672005000600018>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

PERES, M. A. de A. Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 90 anos de sua criação. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, V. 17, N. 1, P. 7-9, Mar. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000100001>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

CRIVELARO, P. M. da S.; POSSO, M. B. S.; GOMES, P. C.; PAPINI, S. J. Consulta de enfermagem: uma ferramenta de cuidado integral na atenção primária à saúde.

Brazilian Journal of Development, Curitiba, V. 6, N. 7, P. 49310-49321, Jul. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n7-542>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PERES, M. A. de A.; APERIBENSE, P. G. G. de S.; BELLAGUARDA, M. L. dos R.; ALMEIDA, D. B. de; SANTOS, F. B. O.; LUCHESI, L. B. Reconhecimento à Anna Justina Ferreira Nery: mulher e personalidade da história da enfermagem. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, V. 25, N. 2, P. 1-10, Jan. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0207>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PRICE, L.; MELONE, L.; MCLARNON, N.; BUNYAN, D.; KILPATRICK, C.; FLOWERS, P.; REILLY, J. A systematic review to evaluate the evidence base for The World Health Organization's adopted hand hygiene technique for reducing the microbial load on the hands of healthca workers. **American Journal of Infection Control**, V. 46, N. 7, P. 814-823, Jul. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ajic.2018.01.020>>. Acesso em 17 abr. 2023.

RODRIGUES, E. A. C.; MENDONÇA, J. S. de; AMARANTE, J. M. B.; ALVES-FILHO, M. B.; GRINGBAUM, R. S.; RICHTMANN, R. **Infecções Hospitalares – Prevenção e Controle**. São Paulo: Sarvier, 1997. 670 p.

SAMPAIO, F. de C.; OLIVEIRA, P. P. de; MATA, L. R. F. da; MORAES, J. T.; FONSECA, D. F. da; VIEIRA, V. A. de S. Perfil de diagnósticos de enfermagem em pessoas hipertensas e diabéticas. **Investigación y Educación en Enfermería**, Medellín, V. 35, N. 2, P. 139-153, Mai.-Ago. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.17533/udea.iee.v35n2a03>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SANTOS, A. C. de S.; OLIVEIRA, A. C. X. do N. de; SILVA, K. B.; LIMA, R. N. A importância e eficácia da higienização correta das mãos na profilaxia das infecções em ambiente hospitalar. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, Brasília, V. 2, N. 4, P. 90-94, Dez. 2020. Disponível em: <<https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/161>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SANTOS, T. A. dos; SANTOS, H. S.; MELO, C. M. M. de; PEREIRA, J. M. O lugar de Ethel Bedford Fenwick na organização político-profissional da enfermagem. **Revista**

Baiana de Enfermagem, Salvador, V. 25, N. 2, P. 185-194, Mai.-Ago. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.18471/rbe.v25i2.5366>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SCOCHI, M. J.; MISHIMA, S. M.; PEDUZZI, M. Maria Cecília Puntel de Almeida: construtora de pontes entre enfermagem e a saúde coletiva brasileira. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, V. 20, N. 12, P. 3891-3896, Dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.19272015>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SILVA, O.; APOLINÁRIO, M.; OGUISSO, T. A enfermagem em obras clássicas da literatura: estudo com base sociolinguística. **Revista Enfermagem em Foco**, V. 8, N. 2, P. 57-61, Mai. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2017.v8.n2.987>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SOUSA, M. F. de. **Práticas de enfermagem no contexto da atenção primária à saúde (APS): estudo nacional de métodos mistos - Relatório final**. Brasília: Editora ECoS, 2022. 536 p.

TAVARES, D. H.; GABATZ, R. I. B.; CORDEIRO, F. R.; LAROQUE, M. F.; PERBONI, J. S. Aplicabilidade da teoria ambientalista de Florence Nightingale na pandemia do novo Coronavírus. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, V. 10, N. 4, P. 1-12, Abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19942>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

VIANA, R. A. P. P.; MACHADO, F. R.; SOUZA, J. L. A. de. **Sepse, um problema de saúde pública: a atuação e colaboração da enfermagem na rápida identificação e tratamento da doença**. 2. Ed. São Paulo: Coren-SP, 2017. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/sepse_um_problema_de_saude_publica.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

WIGGERS, E.; DONOSO, M. T. V. Discorrendo sobre os períodos pré e pós Florence Nightingale: a enfermagem e sua historicidade. **Revista Enfermagem em Foco**, V. 11, N. 1, P. 58-61, Ago. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.ESP.3567>>. Acesso em: 17 abr. 2023.